



CURSO DE TEOLOGIA EAD

Soteriologia



UCLN

UNIVERSIDADE
CRISTÃ
CONHECIMENTO
e LIDERANÇA AVANÇADA

Sumário

Definindo os termos	8
Teoria da Vicariedade (Substituição) Penal	10
A Justificação	11
A declaração legal de Deus acerca da justificação	12
A vista de Deus somos declarados justos	14
A regeneração	15
No Antigo Testamento	16
No Novo Testamento.....	17
Exclusividade da Ação Divina.....	18
O Termo Regeneração	19
O Operador da Regeneração	21
O Conhecimento Restrito da Regeneração	22
A Santificação.....	23
Distinção e Aplicação da Terminologia	24
Separação	24
Dedicação.....	25
Purificação	26
Consagração	27
Serviço	28
A obra sobrenatural da santificação	29
Os três estágios da santificação.....	30

Sacrifício, reconciliação e redenção.....	34
Sacrifício.....	34
Reconciliação.....	35
Redenção.....	37
Predestinação, Eleição e Livre-Arbítrio	39
A predestinação de Deus.....	40
Jacobus Arminius.....	41
João Calvino	42
O princípio da escolha na Bíblia	43
O Poder da Escolha	44
A transformação é divina.....	46
O ensino de John Wesley sobre eleição e predestinação.....	47
O ensino de Sproul sobre predestinação	48
Predestinação	51
A salvação bênção: passado, presente e futuro.....	52
Pode-se perder a salvação?.....	53
Existe salvação após a morte?	54
Qual a condição dos que morreram?	55
Conclusão.....	57
Material Complementar	58
Referências	59

Introdução

A Soteriologia, ou o estudo da salvação, é um pilar central na fé cristã, oferecendo esperança a todos que se identificam com esta crença. Essa esperança se centra em Jesus Cristo, reconhecido como o fundador e maior defensor da fé cristã (Hebreus 12.2). A crença na salvação é fundamentada no sacrifício de Cristo na cruz, um evento que se destina a toda a humanidade.

A salvação é frequentemente vista como o ponto central em torno do qual toda a atividade divina na Bíblia é orientada, especialmente no que tange às promessas reveladas. Ela é a chave para entender as metáforas e profecias do Antigo Testamento (Hebreus 10.1).

Muitos estudiosos concordam que, conforme descrito em Hebreus 1.1, as mensagens divinas, inicialmente transmitidas pelos profetas, não se limitaram àquela era. A revelação final de Deus foi feita através de Jesus Cristo, cuja existência e ensinamentos são corroborados nos 27 livros do Novo Testamento.

Uma análise detalhada desta doutrina cristã deve começar com o Antigo Testamento. As narrativas e ensinamentos contidos nessa parte da Bíblia são essenciais para compreender as questões relacionadas à salvação. Isso inclui reconhecer os personagens proféticos e redentores como precursores de Deus.

O Antigo Testamento apresenta profecias e símbolos referentes ao Messias esperado e à sua missão na Terra. Esta seção da Bíblia, usando um vocabulário específico, introduz conceitos de salvação que se tornam plenamente compreensíveis com os ensinamentos do Novo Testamento, abordando tanto aspectos terrenos quanto espirituais.

Apesar do hebraico, língua do Antigo Testamento, não ser particularmente rico em vocabulário, os escritores bíblicos utilizaram diversas palavras para descrever conceitos de libertação e salvação, abordando perspectivas naturais, jurídicas e espirituais.

Objetivos

- Definir os termos-chave relacionados à soteriologia, incluindo teoria da vicariedade penal, justificação, regeneração, santificação, sacrifício, reconciliação, redenção, predestinação, eleição e livre-arbítrio.
- Comparar a compreensão dessas doutrinas no Antigo e Novo Testamento, bem como sua aplicação na vida cristã.
- Analisar as visões teológicas sobre predestinação, eleição e livre-arbítrio.
- Refletir sobre as implicações práticas dessas doutrinas para a compreensão da salvação como uma bênção que abrange passado, presente e futuro.

Definindo os termos



Comunhão

Fonte: Freepik (2024)

#paratodosverem: Paisagem com uma planície escurecida pelas nuvens carregadas no céu, mas que deixam passar feixes de luz do sol que parecem formar uma névoa sobre o registro fotográfico.

Soteriologia, derivada do grego "soteria", refere-se à “livramento, preservação, segurança, salvação” (Strong, 2002 sp), ou seja, no termo teológico se refere ao resgate do domínio do pecado e a restauração da comunhão com Deus. Central para este conceito são dois verbos hebraicos: natsal e yasha.

No Antigo Testamento

Natsal, que ocorre 212 vezes, geralmente significa "resgatar, recuperar" (Strong, 2002). Por exemplo:

1. Em Êxodo 3.8, Deus promete a Moisés libertar Israel do Egito.
2. Em 2 Crônicas 32.17, há uma menção de Senaqueribe desafiando a capacidade de Deus em libertar o povo.
3. Em Salmos, este termo é frequentemente invocado para pedir salvação pessoal ou nacional, como em Salmos 22.21.

4. Em uma dimensão espiritual, *yasha* também se refere à salvação através do perdão dos pecados, como no Salmo 39, onde Davi pede a Deus para ser salvo de suas transgressões.

Yasha', encontrado 354 vezes, tem um significado mais amplo como "salvar, ser salvo, ser libertado, ser vitorioso", (Strong, 2002 sp). Em Êxodo 2.17, Moisés "salva" as filhas de Reuel dos pastores, mostrando a ação de Deus em salvar Israel de inimigos e calamidades, conforme visto em Êxodo 14.30 e Deuteronômio 20.4. Em Salmos, Deus é descrito como "Salvador" e "Salvação". A salvação divina frequentemente implica em Deus utilizando intermediários, mas às vezes exige intervenção direta, como em Ezequiel 36.29 e 37.23, onde se enfatiza a purificação moral e o livramento. O Antigo Testamento enfatiza que a salvação é um tema recorrente, com Deus como autor supremo.

No Novo Testamento

O conceito de salvação do Antigo Testamento é refletido nas palavras neotestamentárias, como "sozo", que traduz "*yasha*" em 60% das ocorrências na Septuaginta. *Sozo*, que significa "salvar, manter são e salvo, resgatar do perigo ou destruição" (Strong, 2002), é usado em diversos contextos, incluindo salvação da morte, doença, possessão demoníaca e até ressurreição. No entanto, seu uso mais comum refere-se à salvação espiritual provida por Deus através de Cristo, acessível pela fé. O termo hebraico *yasha'* é ilustrado vividamente em Êxodo 14, mostrando Deus como o libertador de Israel.

O estudo da soteriologia abordará temas como a Teoria da Vicariedade Penal, Justificação, Regeneração, Santificação, Sacrifício, Reconciliação, Redenção, Eleição e Reprovação, explorando as nuances desses conceitos na teologia cristã.

Teoria da Vicariedade (Substituição) Penal

A Teoria da Vicariedade Penal, essencial à compreensão do Evangelho, enfoca a morte de Cristo como um ato de substituição penal para a humanidade. Esta teoria sugere que Jesus assumiu sobre si os pecados da humanidade, atuando como um salvador necessário, pois os seres humanos, por si sós, não poderiam realizar tal ato redentor.

Caminho para a salvação eterna

A morte de Cristo, portanto, não é apenas um caminho para a salvação eterna, mas também representa um sacrifício vicário, onde Cristo morreu em nosso lugar, poupando-nos da penalidade que merecíamos (2 Coríntios 5.14).

Embora esta interpretação não esteja explicitamente detalhada no Antigo Testamento, ela é considerada uma compreensão ortodoxa e razoável da doutrina bíblica sobre a salvação. Esta perspectiva é fundamentada na justiça e santidade de Deus, que, de acordo com a escatologia cristã, serão aplicadas aos ímpios. Também ressalta a natureza depravada da humanidade e a incapacidade inerente de alcançar a salvação por meios próprios.

A Bíblia como um todo apoia a ideia da substituição penal através de diferentes aspectos, como a tipologia dos sacrifícios no Antigo Testamento, as profecias messiânicas, e os relatos neotestamentários. Um exemplo claro dessa teoria é encontrado em Isaías 53.5:

“Mas ele foi ferido pelas nossas transgressões, e moído pelas nossas iniquidades; o castigo que nos traz a paz estava sobre ele, e pelas suas feridas fomos sarados”.

Este versículo simboliza a crença de que o sacrifício de Cristo foi feito em nosso favor, cumprindo as profecias e estabelecendo a base para a redenção e salvação da humanidade.

A Justificação

A doutrina da justificação, essencial no cristianismo, sugere que a salvação é alcançada exclusivamente pela fé. Este conceito, como demonstrado na história de Martinho Lutero, transformou seu entendimento do Evangelho, levando-o a uma conversão genuína e uma alegria profunda na mensagem de Cristo. Esta compreensão de Lutero marcou o início de uma intensa discussão teológica entre a Igreja Católica Romana e a Reforma Protestante sobre os meios da justificação.



Atenção

É fundamental para a preservação do Evangelho puro para as gerações futuras que a doutrina da justificação seja bem compreendida e ensinada. A justificação é vista como a linha demarcatória entre o verdadeiro Evangelho, baseado na salvação pela fé, e os falsos evangelhos fundamentados nas obras.

A justificação é frequentemente retratada com uma analogia legal, onde o ser humano, naturalmente culpado pelo pecado original e condenado, é absolvido diante de Deus pela fé. Assim como a regeneração transforma a natureza humana, a justificação altera nossa condição espiritual perante Deus. Na cruz, Cristo realizou um ato de salvação justo e satisfatório, onde Deus declara os pecadores como livres de culpa, atribuindo-lhes justiça.



Exemplificando

O conceito de justificação no Antigo Testamento utiliza a palavra hebraica *tsaddiq* (como em Êxodo 23.7 e Deuteronômio 25.1), enquanto o Novo Testamento usa *dikaioo* (Mateus 12.37; Romanos 3.20). No entanto, a justificação não é automática; ela requer fé em Cristo, como mencionado por Paulo em Efésios 1.4,7,11. A justificação é vista como um dom de Deus, recebido pela fé, sem mérito próprio.

Paulo em Romanos usa o exemplo de Abraão (Gênesis 15.6) para ilustrar que a justificação vem antes das obras, como a circuncisão. Ele também se refere a Davi em Salmos 32.2, destacando a bênção de ter a iniquidade não imputada por Deus. Estes exemplos mostram que a fé, e não as obras, é o meio para alcançar a justiça diante de Deus.

A justificação pela graça através da fé resulta em diversos benefícios para o crente, incluindo paz com Deus, preservação da ira divina, certeza da glorificação e libertação da condenação. Esta doutrina também nos faz herdeiros da vida eterna, como visto em Tito 3.7.

A Bíblia também esclarece que a justificação independe de obras caridosas ou observância da Lei Mosaica. Paulo argumenta que a fé em Cristo é suficiente para a justificação, e a dependência da Lei para tal fim é uma negação da graça de Deus.

A justificação é um processo divino, onde Deus chama, justifica e glorifica os que têm fé em Jesus. Esta doutrina reforça que a justificação vem após a fé, evidenciando a justiça de Deus e sua capacidade de justificar os que creem em Jesus.

A declaração legal de Deus acerca da justificação

Na Bíblia, o termo "justificação" carrega uma conotação não apenas legal, mas também espiritual, implicando o ato de "declarar justo". Um exemplo disso é encontrado em Lucas 7.29, onde o texto pode ser mal interpretado como se os publicanos e o povo justificassem Deus. Contudo, essa passagem refere-se ao reconhecimento da justiça de Deus pelos presentes, não à capacidade humana de justificar Deus.



Bíblia

Fonte: Freepik (2024)

#paratodosverem: Bíblia aberta sobre um púlpito de madeira, com um par de mãos segurando as laterais do móvel, como se a imagem tivesse capturado o campo de visão da pessoa a frente do púlpito a observar o livro.

Quando se trata da justificação do homem, como em Romanos 3.20, 26, 28; 5.1; 8.30, o processo é descrito como um ato divino. Em Romanos 4.5, por exemplo, a justificação é retratada como um ato de Deus, que não se baseia nas obras do homem, mas em sua fé. Este versículo destaca que a justificação é um reconhecimento divino da posição do homem perante Deus, não uma recompensa por suas ações, mas uma resposta à sua fé.

A justificação, então, é entendida como um procedimento judicial divino. Paulo, em Romanos 8.33,34, usa uma analogia legal ao perguntar quem poderia acusar ou condenar os escolhidos de Deus, já que é Deus quem os justifica. Em termos jurídicos, condenar alguém é declará-lo culpado, mas na esfera teológica, a justificação é o oposto da condenação, implicando o reconhecimento da inocência ou justiça de uma pessoa perante o julgamento divino.

A vista de Deus somos declarados justos

Na fé cristã, a justificação é entendida como uma declaração divina que nos considera justos perante Deus. Este conceito baseia-se na justiça inalcançável de Deus, que julga cada pessoa de acordo com Seus critérios supremos. A justificação é marcada por dois aspectos principais. Primeiro, ela envolve a exoneração divina dos pecados passados, presentes e futuros de quem crê em Cristo, removendo toda penalidade que antes nos era devida.

O Apóstolo Paulo aborda essa ideia em Romanos, principalmente em passagens como Romanos 4.1-5.21, que discutem a justificação pela fé. Ele enfatiza em Romanos 8.1 que "agora nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus", mostrando que aqueles justificados por Deus estão livres de acusação ou condenação (Romanos 8.33,34). A absolvição, nesse contexto, livra o homem das punições que merecia por seus pecados.

Perdão

O perdão total dos pecados é outro aspecto essencial da justificação, conforme explicado por Paulo em Romanos 4.6-8. Este perdão é completo e não deixa vestígios de dívidas passadas. Paulo ressalta que a justificação e o perdão dos pecados ocorrem exclusivamente pela fé.

Este entendimento desafia outras interpretações, como a crença em um estado de purificação após a morte, conhecido como purgatório na doutrina católica. A compreensão bíblica da justificação apresenta uma visão de amor e graça ilimitados de Deus, livrando os crentes da necessidade de qualquer purificação pós-morte.

Davi, uma figura bíblica que experimentou a justificação pela fé mesmo antes da vinda de Cristo, reconhece a magnitude da graça de Deus. Ele celebra o amplo perdão divino em Salmos 103.12, comparando a distância do perdão de Deus com a vastidão entre o oriente e o ocidente. Esta passagem destaca a completa remoção das transgressões pela misericórdia divina.

A regeneração



Chamado Divino

Fonte: Freepik (2024)

#paratodosverem: mulher sentada de perfil no topo de um monte. Ela está contra a luz e de fundo está o céu azul, com várias nuvens brancas.

Dentro da jornada cristã, ao respondermos ao chamado divino e à convocação do Espírito Santo através da Palavra de Deus, somos submetidos a transformações essenciais. Estas mudanças nos preparam para integrar a família cristã e participar do Reino de Deus. A regeneração é um processo pelo qual indivíduos anteriormente perdidos em seus erros são justificados e, finalmente, adotados por Deus, evidenciando um amor que transcende toda compreensão. Antes da conversão, éramos considerados distantes de Deus, mas através da regeneração, nos tornamos filhos adotivos de Deus.

Embora esses benefícios espirituais ocorram simultaneamente, é importante estudá-los de forma distinta para melhor compreensão. A regeneração, que começa com a comunicação de verdades divinas ao nosso espírito, é um ato decisivo e instantâneo na sua aplicação, mas seu processo é gradual. Nesse processo divino, a natureza humana do convertido é remodelada para alinhar-se com os propósitos de Deus.



Saiba mais

O termo "regeneração" (do grego palingenesia) aparece apenas duas vezes no Novo Testamento. Em Mateus 19.28, o termo não é usado no contexto de renovação espiritual, mas sim relacionado à expectativa judaica de uma renovação terrena e global. Por outro lado, em Tito 3.5, o termo é utilizado no sentido de renovação espiritual do indivíduo, indicando uma transformação interna e espiritual profunda.

No Antigo Testamento

No Antigo Testamento, a regeneração é frequentemente retratada de maneira simbólica e, inicialmente, parece ser um conceito aplicável somente à nação de Israel. Contudo, uma análise mais aprofundada revela uma mensagem mais ampla e universal, usando linguagem figurativa para descrever a transformação espiritual.

Ezequiel 11.19 ilustra essa ideia:

“E lhes darei um coração novo, e um espírito novo porei dentro deles; e tirarei da sua carne o coração de pedra, e lhes darei um coração de carne”.

Esta metáfora indica uma transformação profunda, sugerindo um futuro de esperança e direção espiritual, mesmo antes da destruição de Jerusalém. O texto aponta para a regeneração espiritual decorrente da submissão ao Espírito Santo.

Ezequiel 36.25-27 continua essa temática, descrevendo a purificação e a promessa de um coração e um espírito renovados, simbolizando o advento de um Novo Pacto marcado pela atuação do Espírito Santo. Essa passagem reflete uma era futura, na qual a regeneração espiritual ocorre como resultado da incapacidade humana de cumprir os mandamentos divinos com um "coração de pedra". Essa mudança espiritual é uma iniciativa divina, independente do esforço humano.

Jeremias também ecoa esta mensagem de renovação e regeneração em Jeremias 31.33, antecipando uma mudança interna profunda nos corações e mentes das pessoas.

Em Deuteronômio 30.6, encontramos uma prefiguração da regeneração, indicando que Deus atuaria para transformar o coração humano. Este versículo sugere uma intervenção divina, necessária devido à resistência humana à regeneração, muitas vezes dominada por desejos egoístas e inclinações pecaminosas.

Esses textos do Antigo Testamento prenunciam a regeneração como uma ação graciosa de Deus, estendendo a promessa de transformação espiritual não apenas a Israel, mas também aos gentios, evidenciando um plano divino inclusivo e abrangente.

No Novo Testamento



Criação de um novo ser

O Novo Testamento apresenta a doutrina da regeneração como uma transformação fundamental na vida de um indivíduo, simbolizando a criação de um novo ser. Paulo, em 2 Coríntios 5.17, utiliza o termo grego "ktísis", que significa "ato de criar, criação" (Strong, 2002 sp), para descrever essa experiência de renascimento. Esse novo nascimento é essencial para a regeneração, representando uma mudança profunda que vai além de uma simples reforma moral ou espiritual.

Criação de um novo ser

Fonte: Freepik (2024)

#paratodosverem: Rosto do homem de perfil, com nuvens sobrepondo a parte de trás da cabeça. Os olhos estão fechados e o semblante é de paz.

Essa ideia de "nova criação" não deve ser interpretada de forma individualista, mas em um contexto mais amplo que envolve toda a comunidade cristã. Nesse sentido, todos os cristãos fazem parte dessa

nova criação e são, portanto, "novas criaturas". Essa expressão, conforme o entendimento judaico, também era usada para descrever pessoas cujos pecados haviam sido redimidos.

Importante ressaltar que, na perspectiva neotestamentária, a "nova criação" não apaga o passado do indivíduo. Em vez disso, a mudança reside na nova posição que a pessoa ocupa diante de Deus.

Outra referência significativa sobre a regeneração no Novo Testamento é encontrada em João 3.3, onde Jesus fala sobre a necessidade de nascer de novo. O termo grego usado aqui é "gennete", um aoristo passivo de "gennao", indicando um processo ativo e divino de regeneração.

Pedro, em sua primeira epístola, reforça essa ideia com o termo "anagennesas", que pode ser traduzido como "regenerar" ou "fazer nascer de novo". A regeneração, portanto, é compreendida como uma experiência sobrenatural, única e exclusivamente conduzida por Deus, e não algo que possa ser alcançado por méritos ou virtudes humanas.

O conceito de "novo nascimento" é tão radical e transformador que implica um contínuo processo de crescimento e aperfeiçoamento no conhecimento de Deus e na transformação do caráter do indivíduo. Regeneração, então, é um ato divino secreto pelo qual Deus nos dá uma nova vida espiritual, concisamente expresso na frase bíblica "nascer de novo".

Exclusividade da Ação Divina

Na jornada da redenção cristã, embora haja ações e iniciativas humanas, como a perseverança no combate ao mal, a regeneração se distingue por ser um processo exclusivamente divino. O ser humano não desempenha um papel ativo ou colaborativo na regeneração, que é inteiramente realizada por Deus.

1. O Evangelho de João (1.12,13) ilustra essa realidade. A expressão "a todos quantos o receberam" (v.12) destaca a ação humana de receber Deus em Cristo, reconhecendo que a filiação divina não é uma consequência automática do nascimento natural, mas é reservada àqueles que creem.

2. O "novo nascimento", ou renascimento espiritual, é uma obra do Espírito Santo, que vivifica os que estavam "mortos em delitos e pecados" (Efésios 2.1,13). Esta parte da salvação é executada de forma soberana e graciosa por Deus, e não invalida a necessidade de uma resposta de fé por parte da pessoa.
3. O Novo Testamento apresenta vários argumentos que reforçam a natureza passiva do homem no processo regenerativo. Tiago, por exemplo, afirma: "Segundo a sua vontade, ele nos gerou..." (Tiago 1.18), destacando que a regeneração é um dom divino supremo. Pedro ecoa esse pensamento em 1 Pedro 1.23, ressaltando que a regeneração não é fruto de desejo humano, mas resulta da "palavra de Deus".



Exemplificando

Uma analogia prática para compreender esse conceito é a do nascimento físico: assim como não escolhemos nascer fisicamente, a regeneração espiritual não é uma escolha nossa. Assim como somos passivos em nosso nascimento físico, também somos passivos no processo de regeneração espiritual, que é um ato exclusivo de Deus.

O Termo Regeneração

O conceito de regeneração no cristianismo é multifacetado e varia entre diferentes tradições teológicas. Enquanto algumas obras de Teologia Sistemática, como a de Horton, (Horton, 1997) enfatizam a mudança operada por Deus na alma, outras podem ter interpretações distintas.

No Novo Testamento, a regeneração é frequentemente associada a ideias como "novo nascimento", "ressurreição" e "nova vida". O termo é preferencialmente utilizado para descrever a renovação espiritual que ocorre na vida de um crente, mas sua aplicação não é uniforme nas Escrituras, podendo ter significados correlatos ou específicos.

Historicamente, teólogos do século XVIII tratavam "regeneração" e "conversão" como sinônimos, embora exista uma distinção clara entre os termos. A regeneração é vista como uma ação direta do Espírito Santo, sem a participação ativa do homem, enquanto a conversão envolve uma resposta humana.

No Evangelho de João (1.12,13), a regeneração é apresentada como um ato divino, distinto da ação humana de "receber" Cristo. Em teologias como a católica romana, a justificação é frequentemente vista como sinônimo de regeneração e santificação, enquanto a confissão luterana vê a regeneração como parte do processo mais amplo que inclui a justificação.

Na Igreja Primitiva e na teocracia judaica, a regeneração era entendida mais como uma mudança no estado externo do indivíduo do que uma transformação moral interna. Essa visão evoluiu ao longo do tempo, e o termo passou a ser aplicado de maneira mais ampla dentro do cristianismo, muitas vezes associado ao rito do batismo.



Saiba mais

As escolas teológicas modernas, como a de Finney, veem a regeneração como uma ação divina que muda o coração do homem, caracterizada pela passividade humana. A conversão, neste contexto, é considerada uma resposta externa e ativa do indivíduo à regeneração operada pelo Espírito Santo.

Portanto, o entendimento de regeneração varia significativamente entre diferentes tradições e escolas teológicas, refletindo uma diversidade de interpretações sobre a ação divina e a resposta humana no processo de salvação.

O Operador da Regeneração

A doutrina da regeneração no cristianismo, que envolve a crença na Trindade - Pai, Filho e Espírito Santo - levanta questões sobre qual aspecto da Divindade é responsável pelo novo nascimento. Analisando as Escrituras, encontramos diferentes perspectivas sobre o papel de cada Pessoa da Trindade na regeneração.

No Evangelho de João, Jesus enfatiza o papel do Espírito Santo na regeneração: "... assim é todo aquele que é nascido do Espírito" (João 3.8). Esta passagem sugere que o Espírito Santo desempenha um papel crucial na salvação, mas isso não exclui a necessidade da resposta humana de fé e arrependimento para a regeneração efetiva.

No entanto, as Escrituras não limitam a ação regenerativa exclusivamente ao Espírito Santo.

- Em Efésios, Paulo indica que é Deus (o Pai) que nos dá "vida" juntamente com Cristo (Efésios 2.1, 5).
- Pedro em sua primeira epístola atribui a regeneração à "grande misericórdia" de Deus Pai (1 Pedro 1.3).

Portanto, é coerente concluir que a regeneração tem sua origem tanto no Pai quanto no Espírito Santo.

Wayne Grudem, ao explorar essa temática, questiona a relação entre o chamado eficaz e a regeneração, levantando a hipótese de que a regeneração precede a resposta ao chamado eficaz, fundamentando a fé na esperança de salvação que vem do novo nascimento (Grudem, 1999).

A dificuldade em definir o intervalo de tempo entre a regeneração e o início de um ministério evangelístico varia entre os indivíduos. Textos como Tiago 1.18 e 1 Pedro 1.23 sugerem que a regeneração e o chamado eficaz podem ocorrer simultaneamente, ambos vinculados à Palavra de Deus.

A regeneração, neste contexto, é entendida como um ato poderoso de Deus (Pai e Espírito Santo) em nós, aplicando as verdades bíblicas à nossa vida, enquanto o chamado eficaz ocorre quando Deus fala poderosamente a nós por meio de Sua Palavra. Dessa interação entre regeneração e

chamado eficaz emerge a fé, vista como um dom divino e não como resultado da atuação humana.

O episódio em Atos 10.44, onde o Espírito Santo desce sobre os ouvintes enquanto Pedro prega, exemplifica a simultaneidade do chamado eficaz e da regeneração, bem como a experiência do batismo no Espírito Santo.



Saiba mais

Assim, a regeneração é intrinsecamente ligada ao chamado eficaz, com Deus atraindo os homens a Si e, após o chamado, provendo a regeneração, assegurando a resposta de fé do indivíduo.

O Conhecimento Restrito da Regeneração

A regeneração, como um ato divino, possui aspectos que transcendem a compreensão humana. As Escrituras nos fornecem uma visão sobre este processo, indicando que passamos de um estado de morte em delitos e pecados (Efésios 2.1) para uma vivificação pelo Pai, que representa nosso "novo nascimento" (João 3.3,7; Efésios 2.5; Colossenses 2.13).

Este mistério se aprofunda para além da compreensão superficial do plano de salvação. Muitos buscam entender mais profundamente como Deus atua neste processo, mas a natureza íntima da regeneração permanece um mistério divino.

A Bíblia descreve a regeneração como algo que afeta o ser humano em sua totalidade. Paulo, em Romanos 8.10, ensina que a mudança regenerativa não se limita apenas ao espírito, mas engloba todo o ser. A regeneração não é uma transformação que afeta apenas uma parte do ser humano; ela abarca cada aspecto da existência.

2 Coríntios 5.17 explica: "Assim que, se alguém está em Cristo, nova criatura é...", reiterando que a regeneração transforma toda a pessoa. Aqueles que

passaram por esta experiência divina frequentemente testemunham uma mudança que não conseguem explicar plenamente, mas reconhecem uma nova vida que respeita e valoriza o plano e a pessoa de Cristo.

Apesar de tentativas de aprofundar o entendimento sobre a experiência regenerativa, permanecemos limitados em nossa capacidade de explicar completamente este fenômeno cristão. Jesus ilustrou essa realidade ao comparar o trabalho do Espírito Santo na regeneração ao vento:

“O vento assopra onde quer, e ouves a sua voz, mas não sabes de onde vem, nem para onde vai; assim é todo aquele que é nascido do Espírito” (João 3.8).

Essa metáfora enfatiza a liberdade e a imprevisibilidade da ação do Espírito Santo na vida dos regenerados.

A Santificação



Conexão com Deus

A santificação é um processo dinâmico que envolve tanto a ação divina quanto a participação humana. Enquanto o arrependimento é um ato humano e a conversão e a regeneração são obras de Deus, a santificação representa uma jornada colaborativa entre o crente e Deus. Neste caminho, o crente busca ativamente viver de acordo com a vontade de Deus, enquanto o Espírito Santo opera nele, transformando e moldando seu caráter para refletir mais de perto a imagem de Cristo.

Conexão com Deus

Fonte: Freepik (2024)

#paratodosverem: Homem com a cabeça inclinada sobre as mãos unidas diante de uma Bíblia aberta, como que realizando uma oração.

Distinção e Aplicação da Terminologia

A santificação, como um conceito teológico, ultrapassa as explicações simplificadas frequentemente apresentadas em campanhas evangelísticas. Esta doutrina, profundamente enraizada no Novo Testamento e prefigurada nos rituais do Antigo Testamento, exige uma compreensão abrangente para captar seu verdadeiro significado.

Ao explorar os ensinamentos cristãos sobre santificação, é fundamental reconhecer a sinergia entre as expressões "santificação", "santidade" e "consagração". Esses termos são usados de maneira intercambiável na Bíblia, assim como "santificados" e "santos". Santificar, portanto, envolve o ato de tornar algo ou alguém santo ou consagrá-lo a Deus.

Para compreender a santificação, devemos considerar quatro aspectos-chave:

1. Separação;
2. Dedicção;
3. Purificação;
4. Consagração.

Esses elementos juntos formam um padrão ou modelo de santificação, orientando os crentes na jornada de se tornarem mais como Cristo em caráter e conduta. A santificação não é apenas um estado a ser alcançado, mas um processo contínuo de crescimento e transformação espiritual.

Separação

Na doutrina cristã, a santificação envolve o conceito de separação, um princípio fundamental que se relaciona intimamente com a natureza divina. A palavra "santo", no contexto espiritual, implica essa característica de separação, destacando-se daquilo que é mundano ou humano.

Essa separação, no processo de santificação, significa que o indivíduo é apartado para um propósito divino, entrando em uma relação mais profunda com Deus. Assim, estar "em Deus" ou servir a Deus de acordo

com Sua vontade envolve seguir um padrão de perfeição moral e aderir à majestade de Deus.

Serviço Divino

Quando Deus escolhe uma pessoa ou objeto para cumprir Seus propósitos, Ele os "separa" de seus usos ou existência comuns. Nessa separação, tanto a pessoa quanto o objeto são considerados "santos", isto é, dedicados e consagrados para o serviço divino e para a realização da vontade de Deus. Este conceito de santificação, portanto, realça a transformação e a dedicação exclusiva ao divino.

Dedicação

A santificação é um processo que inclui tanto a "separação de" quanto a "dedicação a" algo. Para os crentes, isso significa serem separados do mundo e do pecado para se tornarem participantes da natureza divina. Esta separação não é apenas uma questão de afastamento do secular, mas também uma consagração ativa para o serviço divino, mediada pelo Cristo.

O termo "santo" possui uma conexão profunda com o culto cristão. Assim, quando se refere a pessoas ou objetos associados ao culto, indica que foram qualificados e consagrados para esse propósito. Essa dedicação não é temporária, mas eterna, pois aqueles que são santificados tornam-se propriedade exclusiva do Senhor, como evidenciado em 1 Pedro 2.9.



Exemplificando

Exemplos bíblicos incluem Israel, que é considerado uma nação santa devido à sua dedicação à obra de Deus; os levitas, santificados para os serviços do Tabernáculo; e os sábados e dias festivos, que são santos por representarem a consagração do tempo a Deus.

Essa dedicação envolve a chamada geral para a salvação e o batismo com o Espírito Santo, assim como uma chamada específica para o ministério. A santificação, portanto, é um convite contínuo para viver uma vida dedicada e alinhada com a vontade e os propósitos divinos.

Purificação

Na santificação, além dos conceitos de separação e dedicação, um elemento crucial é a purificação. Esta purificação é vital porque tudo e todos que são consagrados a Deus devem refletir o caráter divino em sua atuação. Simplificando, tudo que é utilizado no serviço e no Templo de Deus deve ser puro. A pureza é um pré-requisito essencial da santidade, que engloba separação, dedicação e, agora, purificação.

Seleção

A seleção de uma pessoa ou objeto para o serviço de Deus implica que ambos devem ser purificados para se tornarem santos. Isso é evidente nos rituais do Templo, onde objetos inanimados, assim como pessoas, passam por um processo de purificação, consagração e santificação. Como descrito em Êxodo 40.9-11, o tabernáculo e todos os seus pertences são ungidos e santificados. Da mesma forma, o povo de Israel foi santificado pelo sangue do sacrifício da aliança (Êxodo 24.8).

A consagração dos sacerdotes, representantes de Deus, também envolve um processo de purificação. Eles eram lavados com água, ungidos com azeite e aspergidos com o sangue da consagração, conforme descrito em Levítico 8. Além disso, práticas espirituais como orações, tanto com entendimento quanto em línguas (1 Coríntios 14.14-15), e jejuns também são formas de purificação na jornada da santificação.

Esses exemplos bíblicos ilustram que a purificação é um componente integral da santificação, preparando pessoas e objetos para um serviço sagrado e consagrado a Deus.

Consagração

Consagração, no contexto cristão, é o processo de manter uma vida caracterizada pela santidade contínua, alinhada com os princípios de justiça conforme a Palavra de Deus. Essa prática envolve uma constante adesão aos padrões divinos, refletindo a transformação interna que ocorre na regeneração.

Embora santidade e justiça possam parecer conceitos semelhantes, há uma distinção sutil entre eles.

Justiça

A justiça, conforme entendida tradicionalmente, é a manifestação da vida regenerada em conformidade com a Lei Divina, como descrito em 1 João 3.6-10. Esta justiça envolve viver de acordo com as ordenanças e mandamentos de Deus.

Santidade

Por outro lado, a santidade vai além da mera obediência à lei; ela abrange viver em harmonia com a Natureza Divina e dedicar-se ao serviço de Deus. A santidade exige a remoção de todos os obstáculos, como impurezas morais e falhas de caráter, que possam impedir ou dificultar esse serviço. Pedro aborda essa temática em sua primeira epístola (1 Pedro 1.15), incentivando os crentes a viverem de forma santa, como é santo aquele que os chamou.

Portanto, a consagração é um chamado para viver uma vida que não apenas segue as leis divinas, mas também busca refletir o caráter e a natureza de Deus, em um compromisso contínuo e dedicado ao serviço divino.

Serviço

O serviço a Deus emerge da aliança estabelecida entre Deus e o homem, na qual Deus se torna o Senhor e o homem, seu povo. Espiritualmente, isso envolve um grupo de pessoas que reconhecem Deus como soberano e lhe prestam adoração de diversas maneiras. Neste contexto, "servir a Deus" implica tornar-se um sacerdote no sentido espiritual, ou seja, ser investido com a autoridade para cumprir as ordens divinas e realizar a obra de Deus.

Dessa perspectiva, entende-se que não se pode esperar que alguém imerso no pecado e na impureza se torne espontaneamente um "servo" apto para a obra divina, conforme mencionado em 1 Pedro 2.9. Para que alguém esteja qualificado para o serviço divino, é essencial que já tenha ocorrido um processo de purificação em sua vida.

No Novo Testamento, os rituais sacrificiais diferem dos praticados antes da era da graça, pois não envolvem mais o derramamento de sangue. Em vez disso, aderem aos princípios cristãos estabelecidos para a prática litúrgica, como descrito em João 8.32,36; Romanos 6.19; e Romanos 12.1. O serviço a Deus no cristianismo é definido como uma prática que reflete uma verdadeira santificação e se manifesta na missão evangelizadora.



Síntese

Portanto, o serviço a Deus na vida cristã não é apenas uma obrigação, mas uma expressão autêntica de uma vida santificada, dedicada à propagação do Evangelho e ao cumprimento do chamado divino.

A obra sobrenatural da santificação



Luz divina

Fonte: Freepik (2024)

#paratodosverem: Fundo amarelo desfocado com uma luz intensa no centro e círculos claros de diferentes tamanhos distribuídos na imagem.

A santificação, conforme delineada nas Escrituras, é um processo sobrenatural em que Deus purifica o crente de todas as iniquidades passadas. Este processo vai além da mera purificação; ele é uma transformação integral da pessoa.

Uma das primeiras heresias enfrentadas pela ortodoxia cristã foi proposta por Pelágio, que via a santificação como simples reforma moral. No entanto, a verdadeira santificação difere significativamente de uma mudança comportamental superficial. Enquanto algumas pessoas podem adotar um comportamento mais moderado e virtuoso por diversos motivos, tais mudanças não são comparáveis à transformação profunda experimentada na santificação.

Essa transformação vai além de um mero ajuste de conduta ou valores morais pré-existentes. Mesmo aqueles que não conhecem a Cristo podem manter um comportamento virtuoso e ter uma vida moralmente disciplinada. Mas a santificação é diferente; ela não é simplesmente o resultado de uma boa educação ou de uma cultura disciplinada.

Verdadeira santificação

A verdadeira santificação transforma a natureza interior de uma pessoa. Ela afeta o núcleo da personalidade, mudando o indivíduo de dentro para fora. Isso é algo que apenas a ação do Espírito Santo pode realizar e vai além da capacidade humana de mudar por esforço próprio.

Este processo é exemplificado por Jesus ao curar um cego. Não houve etapas intermediárias; a cura foi instantânea e completa, demonstrando o poder sobrenatural de Deus. Da mesma forma, enquanto a alma (psyquê) pode estar envolvida na conversão, no arrependimento, na fé e no crescimento espiritual, é o Espírito Santo que ativa e potencializa essas experiências.

Portanto, a santificação é uma obra da graça divina, transcendendo as limitações humanas e transformando o crente de maneiras que a educação moral e a disciplina por si só não podem alcançar. É uma ação divina que muda radicalmente a essência de uma pessoa, alinhando-a com a vontade e o caráter de Deus.

Os três estágios da santificação

A santificação nasce oportunamente na regeneração

A santificação se inicia com a regeneração, um momento decisivo de mudança moral conforme descrito por Paulo em Tito 3.5: "nos salvou pela lavagem da regeneração..." Neste estágio, há uma transformação na conduta, afastando-se do padrão pecaminoso anterior.

- A regeneração, movida pelo Espírito Santo, marca o começo da jornada de santificação, onde o pecado deixa de ser um hábito ou estilo de vida, conforme mencionado em 1 João 3.9.
- Essa mudança interna e externa é bem ilustrada em 1 Coríntios 6.10,11, mostrando a transição de uma vida de dissoluções para uma vida regenerada e purificada, iniciando o processo de santificação.

- Esta primeira etapa é simbolizada no Novo Testamento pela água (batismo) e pelo sangue (fé), refletindo a resposta humana ao chamado divino.

A segunda etapa da santificação, como apresentada por Paulo em Romanos 6, envolve viver como se estivéssemos mortos para o pecado e em busca de uma nova vida em Cristo.

- Aqui, a santificação é vista como uma continuação da regeneração, um processo contínuo que nos afasta da escravidão do pecado.
- Em Romanos 6.14, Paulo destaca que a graça nos liberta tanto da lei quanto do pecado, indicando uma mudança fundamental na relação do crente com Deus.

Romanos 6.18 apresenta um paradoxo: somos libertados do pecado, mas nos tornamos "servos da justiça". Este estado de servidão é diferente do jugo do pecado, pois é uma escolha feita por amor a Cristo, não uma imposição.

Morremos para o pecado, mas isso não significa que estamos completamente livres dele. A santificação é um processo contínuo, e não é correto declarar-se completamente livre do pecado. No entanto, também não é apropriado admitir derrota perante um pecado específico ou aceitar um caráter falho como imutável.

Portanto, a santificação é um processo dinâmico que começa com a regeneração e se estende por toda a vida cristã, envolvendo tanto a libertação do poder do pecado quanto o compromisso contínuo com a justiça e o crescimento espiritual.

A santificação sofre aprimoramento contínuo

A santificação, conforme estabelecido no Novo Testamento, não é um evento único, mas um processo contínuo e progressivo que ocorre ao longo de toda a vida do crente. Esta perspectiva é amplamente aceita nas escolas teológicas contemporâneas.

1. Paulo, em Romanos 6, reconhece que, embora libertos do pecado, ainda enfrentamos sua influência devido à nossa natureza humana. Contudo, essa realidade não deve ser uma desculpa para persistir no pecado. Ao contrário, deve-se buscar o crescimento em santificação, da mesma forma que antes se buscava o crescimento no pecado. Paulo encoraja os crentes a dedicarem suas vidas à justiça e à santificação (Romanos 6.19), enfatizando uma mudança ativa e consciente de comportamento.
2. Em 2 Coríntios 3.18, Paulo reitera a ideia de transformação contínua, indicando que somos constantemente moldados para nos assemelharmos mais a Cristo. Esta transformação é gradual e afeta profundamente o caráter do crente.
3. Paulo também admite em Filipenses 3.13-14 que ainda não havia alcançado a perfeição da santificação, mas persistia na jornada, buscando o prêmio da fidelidade e do aprimoramento contínuo em santidade.
4. Da mesma forma, o autor de Hebreus exorta os leitores a se desfazerem de todo embaraço e pecado, enfatizando a necessidade de uma busca constante pela santificação, essencial para ver a Deus (Hebreus 12.1-14).

Tiago critica a religiosidade superficial, lembrando que ser cristão não é apenas ouvir a palavra, mas praticá-la ativamente (Tiago 1.22). Assim, a santificação é um chamado para um crescimento espiritual contínuo, que deve ser refletido tanto internamente no caráter quanto externamente nas ações.

Portanto, a santificação é um processo vitalício de crescimento e aprimoramento espiritual, onde o crente é chamado a se transformar progressivamente, refletindo a imagem e os valores de Cristo em todas as áreas da vida.

Santificação na morte (para a alma) e no arrebatamento da igreja (para o corpo)

A santificação é um processo contínuo que não se completa totalmente nesta vida, devido à presença persistente da natureza pecaminosa (1 João 1.8). Contudo, a morte física dos crentes marca um momento crucial nesse processo. Na morte, aqueles que creram em Cristo pela fé são libertados da corrupção do corpo e unem-se ao Senhor (Lucas 23.43, João 14.3). Neste estágio, a alma, ou o ser essencial do indivíduo, é aperfeiçoada em santidade.

O escritor aos Hebreus indica que, na morte, nos juntamos aos espíritos dos justos que foram aperfeiçoados (Hebreus 12.23). Esta ideia é reforçada no livro de Apocalipse (Apocalipse 21.27), que afirma que nada impuro entrará na presença divina. A santificação, portanto, atinge sua plenitude na morte, quando a alma é purificada completamente de toda impureza.

Além disso, a santificação também abrange o corpo. A ressurreição ou o arrebatamento da Igreja de Cristo são momentos futuros em que a santificação do corpo será completada (1 Tessalonicenses 5.23). Paulo e João falam sobre essa transformação, tanto para aqueles que já morreram quanto para os que aguardam a volta de Cristo (Filipenses 3.21; 1 João 3.2).

Considerando um cenário em que um crente convertido não procura ativamente elementos que promovam a santificação, como uma vida rica em comunhão, estudo das Escrituras e oração, o progresso em santificação pode ser mínimo. No entanto, este não é o padrão desejável para um seguidor de Cristo, que deve buscar viver de acordo com os princípios e ensinamentos bíblicos.

Assim, a santificação é um processo abrangente que se estende além da vida terrena, alcançando sua consumação na presença de Deus, onde a alma e o corpo são completamente purificados e transformados.

Sacrifício, reconciliação e redenção

Sacrifício



Sacrifício

O estudo da santificação no cristianismo inclui a compreensão profunda do sacrifício vicário de Cristo. A terminologia bíblica delinea uma doutrina distinta, mostrando o sacrifício como central na obra redentora, conforme retratado tanto no Antigo quanto no Novo Testamento.

Sacrifício

Fonte: Freepik (2024)

#paratodosverem: parte de uma coroa de espinhos repousa sobre pregos grandes de ferro que estão sobre um tecido de veludo cor de vinho. O fundo da imagem é escuro, inspirando apreensão.

O simbolismo do cordeiro imolado, primeiramente na Páscoa do Êxodo (Êxodo 12.1-13), prefigura a redenção humana. Hebreus 9.22 sublinha a essencialidade do derramamento de sangue para a remissão dos pecados, indicando que Deus “passava por cima” das culpas expiadas pelo sangue aspergido.

No Antigo Testamento, a identificação do ofertante com a sua oferta simbolizava o sacrifício em seu próprio lugar. Essa prática é fundamentada em Romanos 6.23, que destaca a natureza condenatória do pecado.

Essa figura do sacrifício veterotestamentário encontra seu cumprimento em Cristo, reconhecido como o "Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo" (João 1.29). Este sacrifício divino, ao contrário dos rituais mosaicos, efetivou de uma vez por todas a solução para a culpa humana (Romanos 6.10; João 3.16,17).

O simbolismo do sacrifício também é abordado por Paulo em 1 Coríntios 5.7, onde Cristo é apresentado como nossa Páscoa, e em Hebreus 10.1, que aponta para o sacrifício perfeito de Jesus.

Os termos “propiciação” e “expição”, relacionados ao sacrifício, são fundamentais para compreender a obra redentora de Cristo. Nas línguas originais, estas palavras significam; Expição em Hebraico “encobrir, pacificar, propiciar” (Strong, 2002) e Propiciação em grego “que se relaciona com uma conciliação ou expiação, obter aplacamento ou poder expiador, expiatório; forma de conciliação ou expiação, propiciação” (Strong, 2002). Embora a aplicação desses termos varie entre escolas teológicas, a ortodoxia cristã mantém a essência da doutrina.

Diferentemente dos rituais pagãos, o sacrifício na Bíblia não se associa à violência ou crueldade. O Deus de Israel e do cristianismo, em seu amor e misericórdia, providenciou uma maneira de aplacar Sua ira contra o pecado através do sacrifício de Seu próprio Filho (1 João 4.10; Atos 20.28).

Assim, a santificação no cristianismo é intrinsecamente ligada ao sacrifício de Cristo, que vai além de uma mera prática ritualística, representando a redenção e reconciliação do homem com Deus.

Reconciliação



Reconciliação

A reconciliação com Deus é um aspecto crucial da doutrina da expiação, fundamentada exclusivamente na morte sacrificial de Cristo. Esta reconciliação é descrita nas Escrituras como uma transformação de inimizade em amizade, efetuando uma mudança completa. Paulo, em Romanos 5.10 e 2 Coríntios 5.18-20, define reconciliação como a restauração da paz entre Deus e a humanidade, ressaltando que a rejeição humana ao chamado divino mantém um estado de ira divina, contrastado pelo amor demonstrado por Deus no Calvário (1 João 4.19).

Reconciliação

Fonte: Freepik (2024)

#paratodosverem: Caminho brilhante percorrido por um homem que está de costas na imagem, seguindo na direção do horizonte, daquilo que parece representar o caminho para o céu.

A reconciliação pode ser vista tanto como a remoção da nossa inimizade para com Deus quanto como a satisfação da justiça divina em nosso favor. A interpretação depende do contexto bíblico. Charles Hodge, ao analisar Romanos 5, enfatiza que a reconciliação resulta da satisfação da justiça de Deus, trazendo-nos em harmonia com a natureza divina. (Hodge, 2001)

Este ato de reconciliação, realizado através da morte de Cristo, é vinculado à expiação e à justificação. A morte de Cristo não apenas encerra a inimizade com Deus, mas também cumpre o desígnio divino de sacrifício, conforme estabelecido no Antigo Testamento.

Algumas interpretações errôneas da expiação sugerem que Deus se afastou do pecador devido à Sua ira, sendo apaziguado somente pelo sacrifício de Cristo. Contudo, a Bíblia esclarece que Deus, embora ofendido pelo pecado humano, providenciou o sacrifício necessário para a reconciliação. Deus é, portanto, o autor da redenção humana, oferecendo seu próprio Filho, Jesus Cristo, como sacrifício.



Atenção

Essa verdade é reforçada pela disposição de Deus para que todos se arrependam e sejam salvos (Ezequiel 33.11). A reconciliação foi consumada na cruz, já realizada em benefício da humanidade, criando condições para a salvação ser acessível a todos.

Após a consumação desse ato sacrificial por Cristo, cabe aos crentes o papel de evangelizar, anunciando o Plano de Salvação e sua execução. A resposta humana ao chamado divino é o passo final nesse processo, pois a parte de Deus na reconciliação já está completa (1 João 4.19). Assim, a reconciliação se torna real para cada indivíduo que crê e aceita essa verdade, concluindo a obra da redenção divina na vida humana.

Redenção

A redenção é um tema central na teologia cristã, definida como a ação de "comprar de volta", "libertar da servidão por um preço" ou "comprar e retirar da venda". Essa redenção é realizada por Jesus Cristo, o Redentor proposto por Deus, prefigurado no Antigo Testamento (Jó 19.25) e confirmado no Novo Testamento (Mateus 20.28, Gálatas 3.13, 1 Pedro 1.18).



Libertar da servidão

Fonte: Freepik (2024)

#paratodosverem: Imagem aproximada de um par de mãos inclinadas na direção do sol e iluminadas. Acima das palmas está uma esfera luminosa com dois círculos de luz ao redor.

Um exemplo notável do Antigo Testamento que ilustra a redenção é a lei do resgate de um parente em Levítico 25.47-49. Essa lei estabelece que o resgatador deve ser um parente, agir voluntariamente e ter os meios para pagar o resgate. Jesus Cristo cumpre esses requisitos na redenção da humanidade: Ele se tornou parente pela encarnação, expressou o desejo de redimir a humanidade e, por ser divino, tinha os meios para pagar o preço do resgate.

A redenção em Cristo é diferente dos rituais de sacrifício do Antigo Testamento, pois é um ato único que resolve o problema da culpa humana de forma definitiva (Atos 20.28; Hebreus 9.22). Este ato colocou a humanidade em uma posição de dívida eterna com Deus, pois Ele mesmo providenciou o sacrifício necessário para nossa redenção.



Refleta

Cristo, através de sua morte, ofereceu a única possibilidade de redimir a alma humana das consequências espirituais do pecado (Romanos 3.23). A redenção não pode ser alcançada por meios materiais ou humanos, como Jesus questionou em Marcos 8.37.

Os que aceitam o sacrifício de Cristo como pagamento por suas almas, conforme ilustrado em Colossenses 2.14, passam de uma vida marcada pelo pecado para uma existência redimida e liberta da servidão espiritual. Antes da redenção, a vida humana é considerada "vazia" e sem significado espiritual. Porém, em Cristo, encontramos propósito, verdade e a vida eterna (João 14.6).

Portanto, a redenção em Cristo é um ato de amor divino que transforma fundamentalmente a relação do homem com Deus, libertando-o da escravidão do pecado e guiando-o para uma vida de propósito e significado eterno.

Predestinação, Eleição e Livre-Arbitrio



Livro em Branco

Fonte: Freepik (2024)

#paratodosverem: Imagem aproximada de um livro aberto com as páginas em branco, apenas um galho com folhas verdes está sobreposto sobre uma das páginas.

O conceito de predestinação, eleição e livre-arbitrio são temas profundamente explorados na teologia cristã. Romanos 8.29-30 serve como um ponto de partida para entender essas ideias: "Porque aqueles que Deus conheceu de antemão, também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho, para que ele seja o primogênito entre muitos irmãos. E aos que predestinou, a estes também chamou; e aos que chamou, a estes também justificou; e aos que justificou, a estes também glorificou."

Predestinação refere-se ao plano divino segundo o qual Deus determina antecipadamente certos eventos ou resultados. Neste contexto, implica que Deus escolheu algumas pessoas para se conformarem à imagem de seu Filho, Jesus Cristo. Essa escolha não é baseada em qualquer mérito humano, mas na soberania e graça de Deus.

A eleição é o ato de Deus escolher certas pessoas para um propósito específico. Esta doutrina sugere que a salvação não é apenas resultado do livre-arbitrio humano, mas também da escolha divina.

O livre-arbítrio, por outro lado, é a capacidade humana de fazer escolhas independentes. Dentro do cristianismo, existe um debate sobre como o livre-arbítrio se relaciona com a predestinação e a eleição. Alguns argumentam que a soberania divina e o livre-arbítrio humano operam de forma complementar na questão da salvação.



Síntese

Portanto, esses versículos de Romanos abrem um vasto campo de estudo e reflexão sobre como Deus opera na história da salvação, chamando, justificando e glorificando aqueles que foram predestinados, ao mesmo tempo em que respeita o livre-arbítrio humano. A compreensão desses conceitos é fundamental para aprofundar o conhecimento da graça e soberania de Deus na vida cristã.

A predestinação de Deus

A doutrina da predestinação é um tema central e frequentemente debatido na teologia cristã. A reflexão sobre Romanos 8.29, que diz: "Porque aqueles que Deus conheceu de antemão, também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho", gera diversas interpretações e discussões.

Questão central

A questão principal é entender o que o apóstolo Paulo quis expressar ao afirmar que Deus "conheceu de antemão" algumas pessoas. Este "conhecer de antemão" pode ser interpretado como um conhecimento prévio de Deus sobre quem iria crer e seguir a Cristo, ou como uma escolha soberana de Deus desde a eternidade.

Além disso, a ideia de que Deus "predestinou" certos indivíduos para a salvação e santificação levanta questões sobre a soberania divina e o livre-

arbítrio humano. A predestinação implica que Deus, em sua onisciência e soberania, estabeleceu um plano para a salvação de alguns, guiando-os para se tornarem semelhantes a Cristo.

Este assunto é complexo e tem sido interpretado de maneiras variadas pelas diferentes tradições cristãs. Alguns enfatizam a soberania de Deus e sua escolha incondicional, enquanto outros destacam a responsabilidade e escolha humanas em responder ao chamado de Deus.

Portanto, ao explorar a doutrina da predestinação, é essencial considerar tanto a soberania de Deus quanto a capacidade humana de responder ao seu chamado. Esta doutrina permanece como um dos grandes mistérios da fé cristã, encorajando os crentes a aprofundarem-se no estudo da Palavra e no entendimento da natureza e dos propósitos divinos.

Jacobus Arminius

Para abordar as intrincadas questões da predestinação e eleição, os estudiosos da Bíblia tradicionalmente adotam duas principais perspectivas. Uma delas é a arminiana, baseada nos ensinamentos do teólogo holandês do século XVII, Jacobus Arminius. Os seguidores desta linha de pensamento interpretam a "presciência" mencionada em Romanos 8:29 como o conhecimento prévio de Deus sobre aqueles que se arrependeriam de seus pecados e creriam no evangelho.

De acordo com o arminianismo, Deus, na eternidade, previu todos que eventualmente aceitariam a salvação por meio de Cristo. A escolha de Deus para elegê-los "antes da fundação do mundo" (conforme Efésios 1.3) ou predestiná-los para a vida eterna foi baseada na condição de sua futura fé em Cristo. Os arminianos apoiam seu ponto de vista com passagens bíblicas que enfatizam o desejo de Deus de salvar todas as pessoas (1 Timóteo 2.3-4; 2 Pedro 3.9).

Além disso, os arminianos argumentam que o convite universal ao arrependimento e à fé no evangelho perderia seu sentido se a salvação fosse determinada exclusivamente pela vontade de Deus, independentemente da escolha humana. Essa abordagem enfatiza a responsabilidade e a capacidade humana de responder positivamente ao chamado de Deus para a salvação, mantendo assim um equilíbrio entre a soberania divina e o livre-arbítrio humano.

João Calvino

O Calvinismo, nomeado em homenagem ao reformador francês do século XVI, João Calvino, oferece uma perspectiva distinta sobre a predestinação. Esta doutrina calvinista interpreta a "presciência" ('dantes conheceu') em Romanos 8:29 não simplesmente como conhecimento prévio, mas como uma escolha amorosa e íntima de Deus por aqueles que ele predestinou, mesmo antes de existirem. Para os calvinistas, é a soberana escolha de Deus, e não a fé humana, que determina os eleitos. A eleição, segundo esta visão, é a escolha incondicional de Deus que causa a fé na pessoa.

Os calvinistas baseiam sua visão em passagens como Romanos 9.6-24, que inclui a explicação de como Deus endureceu o coração de Faraó. Eles argumentam que pessoas naturalmente depravadas e espiritualmente mortas não são capazes de escolher a fé por si mesmas.

Visão Calvinista

A eleição é um ato de misericórdia divina, onde Deus escolhe salvar alguns, apesar da pecaminosidade humana que leva à condenação. Em Efésios 1:2-8, a eleição é vista como um ato de graça de Deus, que abençoa os crentes com todas as bênçãos espirituais e os predestina para adoção como filhos por meio de Jesus Cristo.

Os calvinistas entendem que as promessas de Deus não são limitadas a alguns, mas estão disponíveis para todos que se voltam a Cristo em fé. Eles enfatizam que não há barreiras erguidas por Deus que impeçam alguém de buscar a salvação. A predestinação, nesta visão, inclui todos que aceitam Cristo como Salvador pessoal e se dedicam à obediência aos mandamentos de Deus.

A doutrina calvinista afirma que a predestinação se cumpre na vida humana da seguinte maneira: quem aceita Cristo como Salvador e persevera na fé está predestinado à salvação, enquanto quem recusa está predestinado à condenação.

Esta visão sustenta que Deus, em Seu amor, escolhe salvar um povo peculiar, e que as maravilhosas possibilidades de salvação estão

disponíveis a todos que têm fé em Jesus. Não existe uma eleição incondicional onde o indivíduo está automaticamente garantido na graça, mas sim uma escolha contínua e ativa de seguir a Cristo.

No Calvinismo, a salvação é um processo colaborativo onde cada indivíduo deve se engajar ativamente na fé e na obediência. A predestinação de Deus não invalida a necessidade de resposta humana, mas trabalha em conjunto com o livre-arbítrio para trazer os eleitos à fé e à salvação.

O princípio da escolha na Bíblia

A Bíblia consistentemente enfatiza o princípio maravilhoso do livre-arbítrio concedido por Deus às suas criaturas inteligentes, dando-lhes a liberdade para escolher a quem obedecer ou adorar. Este princípio é ilustrado em diversas passagens bíblicas.

Considere alguns exemplos notáveis:

1. **A Escolha Proposta por Moisés aos Israelitas:** Antes dos israelitas entrarem na terra prometida, Moisés lembrou-os de como Deus os havia guiado e como eles haviam respondido a Ele. Ele os desafiou a fazer uma escolha definitiva, dizendo: "Os céus e a terra tomo hoje por testemunhas contra vós, que te tenho proposto a vida e a morte, a bênção e a maldição: escolhe pois a vida para que vivas, tu e a tua semente, amando ao Senhor teu Deus, dando ouvidos à Sua voz, e te achegando a Ele: pois Ele é a tua vida, e a lonjura dos teus dias; para que fiques na terra que o Senhor jurou a teus pais, a Abraão, a Isaque e a Jacó, que lhes havia de dar" (Deuteronômio 30:19, 20).
2. **Josué e a Escolha do Serviço a Deus:** No fim de seu mandato como líder de Israel, Josué reuniu o povo e os desafiou a tomar uma posição firme como povo de Deus. Ele declarou: "Porém, se vos parece mal aos vossos olhos servir ao Senhor, escolhei hoje a quem sirvais: se os deuses a quem serviram vossos pais, que estavam além do rio, ou os deuses dos amorreus, em cuja terra habitais: Porém eu e minha casa serviremos ao Senhor" (Josué 24:15).

- 3. Elias e a Decisão entre Deus e Baal:** Durante um período de grande apostasia e idolatria em Israel, sob o governo de Jezabel e Acabe, Elias, servo de Deus, colocou diante do povo a escolha entre Baal e o Deus verdadeiro. Ele os confrontou com a decisão: “Até quando coxeareis entre dois pensamentos? Se o Senhor é Deus, segui-O; e se Baal, segui-o” (1 Reis 18.21).

Esses exemplos demonstram a importância de escolhas decisivas na vida espiritual, conforme ensinado nas Escrituras. Deus oferece aos seres humanos a liberdade de escolher, respeitando seu livre-arbítrio, enquanto os chama para uma vida de obediência e devoção a Ele.

O Poder da Escolha

Conforme o arminianismo

Embora Adão e Eva fossem criados inocentes e puros, eles não estavam isentos da possibilidade de errar. Deus poderia ter criado a humanidade incapaz de desobedecer, mas isso os privaria do desenvolvimento do caráter e tornaria seu serviço a Deus algo forçado, não voluntário. Assim, Deus lhes concedeu o dom da escolha: a liberdade de obedecer ou desobedecer.



A existência da morte

Após a queda de Adão e Eva, eles ficaram sujeitos à lei e à penalidade do pecado - a morte. Contudo, Cristo interveio, oferecendo-se para carregar as consequências do pecado humano e proporcionando uma nova oportunidade para a humanidade exercer a liberdade de escolha dada por Deus. Ele garantiu a suspensão condicional da pena, oferecendo a chance de uma nova prova e a liberdade de escolher.

A existência da morte

Fonte: Freepik (2024)

#paratodosverem: Árvore seca com vegetação também morta, o fundo da imagem é desfocado e azulado.

A questão crucial para muitos é como se entregar a Deus quando se está preso à dúvida e aos hábitos pecaminosos. As promessas e resoluções se tornam frágeis e inconstantes. A chave para a transformação está na vontade, no poder de escolha. Deus deu aos seres humanos o poder de decidir e isso deve ser exercido.

Não se pode mudar o coração ou as afeições por esforço próprio, mas pode-se escolher servir a Deus. Ao entregar a vontade a Deus, Ele trabalhará para transformar o coração e alinhar as afeições com a Sua vontade. Assim, toda a natureza do indivíduo estará sob o domínio do Espírito de Cristo.



Refleta

O desejo de ser bom e santo é positivo, mas sem a ação efetiva de escolher a Deus e se render a Sua vontade, permanece incompleto. Muitos perdem a oportunidade de serem cristãos verdadeiros ao ficarem apenas no desejo e na espera. Ser cristão envolve uma decisão ativa e contínua de entregar a vontade a Deus e viver de acordo com Seus princípios.

Conforme o calvinismo

Os calvinistas também acreditam na liberdade do homem, porém a chama de livre agência.

Para o calvinismo, o homem, após a queda, perdeu inteiramente a capacidade de desejar qualquer bem espiritual que acompanhe a salvação; portanto, como um homem natural, sendo totalmente adverso àquele bem, e morto em pecado, ele não é capaz, por sua própria força, de se converter e preparar para salvação. Por isso, é necessária uma ação externa. (Efésios 2.1-3)

Mas o homem ainda tem a livre agência, ou seja, a capacidade de escolher se irá vestir essa ou aquela roupa, morar em determinada cidade ou estudar nesta ou naquela escola.

Mas, para o homem natural é impossível fazer escolhas espirituais (Romanos 3.11,12)

A transformação é divina

A transformação espiritual é um processo divino, no qual a escolha humana desempenha um papel crucial. Não temos a capacidade de nos transformar, mas temos o poder de escolher o que queremos ser. O Espírito de Deus busca quebrar as barreiras da arrogância e do mundanismo, despertando um desejo por tesouros eternos. A resistência ao Espírito leva à negligência da Palavra de Deus, endurecendo o coração e impedindo o crescimento espiritual. Nós somos responsáveis por essa resistência e pelo endurecimento que impede a boa semente de criar raízes.

Deus nos concedeu o livre-arbítrio; cabe a nós exercê-lo. Não podemos mudar nosso coração ou controlar nossos pensamentos, impulsos e afeições por nós mesmos. Não podemos nos tornar puros e aptos para o serviço de Deus por conta própria. Mas podemos escolher servi-Lo e entregar a Ele nossa vontade. Assim, Ele atuará em nós para cumprir Sua boa vontade, e nossa natureza será submetida ao controle de Cristo.



Atenção

A ira de Deus não é dirigida contra pecadores impenitentes meramente por causa dos pecados cometidos, mas por escolherem continuar em resistência e rejeitar a luz divina. Se nos submetermos ao poder do Espírito Santo, seremos perdoados e transformados. A resistência contínua ao Espírito torna o coração insensível à Sua influência.

Deus reivindica o amor e a obediência de todas as Suas criaturas. Ele nos deu uma lei perfeita, mas o homem, em sua própria capacidade, é incapaz de cumprir suas exigências. Somente pela fé em Cristo podemos ser purificados da culpa e capacitados a obedecer à lei de nosso Criador.

A vontade é o poder de decisão na natureza humana. Cada pessoa tem o poder de escolher o que é certo. Em cada situação, enfrentamos a escolha de servir a Deus ou não. A decisão de obedecer a Deus liga-nos às forças divinas, fortalecendo-nos contra o mal. Este princípio é crucial para todos, especialmente para os jovens, que têm a capacidade de formar um caráter íntegro e viver uma vida de utilidade.

Em questões de consciência, cada alma deve ser livre. Ninguém deve controlar a mente de outro, julgar ou prescrever o dever de outro. Deus dá a todos a liberdade de pensar e seguir suas próprias convicções. No reino de Cristo, não há opressão ou obrigatoriedade de costumes. Anjos e mensageiros divinos cooperam com os homens para elevar a humanidade.

A individualidade é um dom divino, e cada um deve agir de acordo com sua própria consciência e convicções. A verdadeira educação desenvolve essa faculdade, preparando os jovens para serem pensadores e não meros refletores de outros. A lei de Deus protege e preserva a individualidade e a liberdade de cada ser humano, garantindo o bem-estar tanto neste mundo como no vindouro. A obediência à lei garante a vida eterna.

Missão

Nossa missão é levar as almas diretamente a Cristo, respeitando a individualidade e a identidade que Deus concede a cada pessoa. Somos responsáveis perante Deus por nossa própria vida, que é um dom Dele, não da humanidade. Como criação e redenção de Deus, devemos agir de acordo com a liberdade de nossa própria consciência.

O ensino de John Wesley sobre eleição e predestinação

1. A doutrina da eleição, conforme apresentada pelo apóstolo Paulo, é uma faceta crucial do ensinamento cristão. Paulo discorre sobre ela em diversas passagens (Rm 8.29-33; 9.6-26; 11.5, 7, 28; Cl 3.12; 1Ts 1.4; 2Ts 2.13; Tt 1.1), destacando que a eleição é a escolha divina de um povo em Cristo, destinado à santidade e irrepreensibilidade diante de Deus (2Ts 2.13). Este conceito, segundo a interpretação de John Wesley, abrange várias verdades principais:

2. **Cristocentrismo da Eleição:** A eleição se realiza unicamente em união com Jesus Cristo. Cristo é o eleito fundamental de Deus e a base da nossa eleição. A eleição individual só ocorre mediante a união com Cristo pela fé.
3. **Base na Redenção de Cristo:** A eleição tem suas raízes na morte redentora de Cristo, planejada por Deus antes da criação. A salvação dos eleitos é fundamentada no sacrifício de Cristo.
4. **Natureza Corporativa da Eleição:** A eleição é primariamente corporativa, referindo-se ao povo de Deus como um todo - a igreja, o corpo de Cristo. A eleição individual ocorre dentro do contexto da comunidade de fé.
5. **Condicionalidade Individual da Eleição:** Enquanto a eleição do corpo de Cristo é certa, a eleição de indivíduos é condicional, dependendo da fé pessoal viva em Jesus e da perseverança na união com Ele.
6. **Universalidade da Oferta de Salvação:** A eleição para salvação em Cristo é oferecida a todos, mas só se torna efetiva para aqueles que respondem com arrependimento e fé. A iniciação de Deus requer uma resposta humana.

Este entendimento de Wesley sobre eleição e predestinação harmoniza a soberania de Deus com a responsabilidade humana, enfatizando a importância da fé pessoal e da perseverança na jornada cristã. Desta forma, equilibra a iniciativa divina com a escolha humana, fundamentando a salvação na graça de Deus e na resposta do indivíduo.

O ensino de Sproul sobre predestinação

“O SENHOR fez todas as coisas para determinados fins e até o perverso, para o dia da calamidade.” Provérbios 16.4

“Não falo a respeito de todos vós, pois eu conheço aqueles que escolhi; é, antes, para que se cumpra a Escritura: Aquele que come do meu pão levantou contra mim seu calcanhar.” João 13.18

“E aos que predestinou, a esses também chamou; e aos que chamou, a esses também justificou; e aos que justificou, a esses também glorificou.” Romanos 8.30

“assim como nos escolheu nele antes da fundação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis perante ele; e em amor nos predestinou para ele, para a adoção de filhos, por meio de Jesus Cristo, segundo o beneplácito de sua vontade,” Efésios 1.4-5

“Entretanto, devemos sempre dar graças a Deus por vós, irmãos amados pelo Senhor, porque Deus vos escolheu desde o princípio para a salvação, pela santificação do Espírito e fé na verdade, para o que também vos chamou mediante o nosso evangelho, para alcançardes a glória de nosso Senhor Jesus Cristo.” 2 Tessalonicenses 2.13-14

Poucas doutrinas suscitam tanta polêmica ou provocam tanta consternação como a doutrina da predestinação. Trata-se de uma doutrina difícil, que precisa ser discutida com grande cuidado e precaução. Apesar disso, trata-se de uma doutrina bíblica, com a qual temos de lidar. Não devemos ousar ignorá-la.

Praticamente, todas as igrejas cristãs têm algum tipo de doutrina sobre a predestinação. Isso é inevitável, visto que o conceito claramente se encontra nas Escrituras. Muitas igrejas, entretanto, discordam—muitas vezes veementemente—quanto ao seu significado. O ponto de vista metodista é diferente do ponto de vista luterano, o qual discorda do ponto de vista presbiteriano. Embora seus pontos de vista difiram, cada um deles está tentando chegar a uma sólida compreensão desta difícil questão de maneira apropriada.



Leia

Em sua forma mais elementar, a predestinação significa que nosso destino final, seja o céu ou o inferno, é decidido por Deus não somente antes de irmos para lá, mas até mesmo antes que tivéssemos nascido. A predestinação ensina que nosso destino final está nas mãos de Deus. Outra maneira de expressar isso é: desde toda a eternidade, antes mesmo que nós existíssemos, Deus decidiu salvar alguns membros da raça humana e permitir que o resto da raça humana perecesse. Deus fez uma escolha— escolheu alguns indivíduos para serem salvos na eterna bênção do céu e escolheu passar por sobre outros, permitindo que sofressem as consequências dos seus pecados no tormento eterno do inferno.

A aceitação desta definição é comum a muitas igrejas. Para chegar ao âmago da questão, alguém deve perguntar: como Deus fez tal escolha? O ponto de vista não-reformado, defendido pela grande maioria dos cristãos, é que Deus faz essa escolha com base em sua presciência. Deus escolhe para a vida eterna aqueles que sabe que o escolherão. Esse conceito é chamado de visão presciente da predestinação, porque baseia-se na presciência de Deus quanto às decisões ou ações humanas.

A visão reformada difere no fato de que ela vê a decisão final para a salvação nas mãos de Deus, e não nas mãos do homem. Segundo este ponto de vista, a eleição de Deus é soberana. Não se baseia em decisões ou respostas previstas por parte dos seres humanos. Aliás, vê tais decisões fluindo da graça soberana de Deus.

O ponto de vista da Reforma afirma que nenhuma pessoa caída jamais escolheria a Deus por iniciativa própria. Pessoas caídas ainda têm livre-arbítrio e podem escolher o que desejam. O problema é que não nutrem nenhum desejo por Deus e não escolherão a Cristo a menos que sejam antes regeneradas. A fé é um dom que procede do novo nascimento. Somente aqueles que foram eleitos responderão com fé ao Evangelho.

Os eleitos escolhem a Cristo somente porque antes foram escolhidos por Deus. Como no caso de Esaú e Jacó, o eleito foi escolhido exclusivamente com base no beneplácito soberano de Deus e não com base em algo que tivessem feito ou desejado fazer. Paulo declara:

“E não ela somente, mas também Rebeca, ao conceber de um só, Isaque, nosso pai. E ainda não eram os gêmeos nascidos, nem tinham praticado o bem ou o mal (para que o propósito de Deus, quanto à eleição, prevalecesse, não por obras, mas por aquele que chama), já fora dito a ela. O mais velho será servo do mais moço... Assim, pois, não depende de quem quer ou de quem corre, mas de usar Deus a sua misericórdia.”
Romanos 9.10-12, 16

O problema mais incômodo envolvendo a predestinação é que Deus não escolhe ou elege salvar todas as pessoas. Ele reserva para si o direito de ter misericórdia de quem quer ter misericórdia. Alguns membros da humanidade caída recebem a graça e a misericórdia da eleição. Deus ignora o restante, deixando-os em seus pecados. Os não-eleitos recebem justiça. Os eleitos recebem misericórdia.

Ninguém é tratado com injustiça. Deus não é obrigado a ser misericordioso igualmente com todos. É decisão dele o quanto será misericordioso. Mesmo assim, nunca pode ser acusado de ser injusto com qualquer pessoa (ver Rm 9.14,15).

Predestinação

A predestinação é um conceito teológico que se refere aos propósitos específicos de Deus para seu povo escolhido, abrangendo todos os que genuinamente creem em Cristo. Este conceito, que significa "predeterminar, decidir de antemão" no idioma grego "proorizo" (Strong, 2002), envolve diversos aspectos da jornada cristã:

1. Propósitos de Deus na Predestinação: Deus predestina os eleitos para várias experiências e realizações espirituais:
 - Serem chamados para um relacionamento com Ele (Romanos 8.30).
 - Justificação, ou seja, serem declarados justos diante de Deus (Romanos 3.24; 8.30).
 - Glorificação, a realização final de serem transformados à semelhança de Cristo (Romanos 8.30).
 - Conformidade com a imagem de Cristo, refletindo seu caráter (Romanos 8.29).
 - Serem santos e irrepreensíveis, vivendo vidas que refletem a santidade de Deus (Efésios 1.4).
 - Adoção como filhos de Deus, tornando-se parte da família divina (Efésios 1.5).
 - Redenção, ou libertação do pecado e suas consequências (Efésios 1.7).
 - Recebimento de uma herança eterna, prometida por Deus (Efésios 1.14).
 - Viver para o louvor da glória de Deus, demonstrando sua grandeza e bondade (Efésios 1.12; 1 Pedro 2.9).
 - Recebimento do Espírito Santo, que sela e garante a herança prometida (Efésios 1.13; Gálatas 3.14).

- Serem criados para realizar boas obras, conforme os planos de Deus (Efésios 2.10).
- 2. Natureza Corporativa da Predestinação segundo os arminianos: Assim como a eleição, a predestinação, segundo os arminianos não se refere apenas a indivíduos isolados, mas principalmente ao corpo coletivo de Cristo – a verdadeira igreja espiritual. Indivíduos são incluídos nesta predestinação à medida que se associam a este corpo por meio da fé viva em Jesus Cristo (Efésios 1.5, 7, 13; Atos 2.38-41; 16.31).
- 3. Predestinação individual segundo os calvinistas: diferentemente dos arminianos, os calvinistas exergam a predestinação de indivíduos isolados. (Provérbios 16.4; Romanos 8.29,30; 9.15-23)

A salvação bênção: passado, presente e futuro



Salvação

Fonte: Freepik (2024)

#paratodosverem: Imagem aproximada de duas mãos estendidas uma na direção da outra. De fundo uma luz forte ilumina toda a silhueta das mãos.

A salvação é uma bênção que transcende o tempo, oferecendo suas dádivas tanto no passado quanto no presente. Essa graça divina não é reservada apenas para o além, mas começa a agir no instante em que é aceita.

Um exemplo tocante encontra-se no episódio do ladrão arrependido ao lado de Jesus na cruz. Ao reconhecer sua culpa e pedir a Jesus que se lembrasse dele, ele recebeu a promessa reconfortante de estar com Jesus no paraíso ainda naquele dia (Lucas 23.43). Apesar de continuar sofrendo fisicamente, ele tinha a garantia da presença de Cristo após a morte.

Zaqueu, o coletor de impostos, vivenciou a salvação ainda em vida. Ao se arrepender e confessar seus pecados, Jesus assegurou-lhe: "Hoje veio salvação a esta casa" (Lucas 19.9). Zaqueu pôde então proclamar sua salvação, conforme confirmado por Jesus.

Os que se convertem após a ascensão de Jesus, inclusive nos dias atuais, também podem ter a certeza da salvação. O apóstolo Paulo ensina que o Espírito Santo atesta em nosso espírito que somos filhos de Deus (Romanos 8.16). A salvação traz alegria profunda e distinta, diferente das alegrias mundanas. Ela preenche a alma e leva o salvo a louvar e exaltar seu Salvador.

Pode-se perder a salvação?

A questão de perder ou não a salvação tem sido objeto de discussão entre os cristãos, principalmente entre os calvinistas e arminianos.

Calvinismo

Os calvinistas defendem que, "uma vez salvo, sempre salvo". Esta visão é sustentada por várias passagens bíblicas, como João 10.28-29, Romanos 11.28, Filipenses 1.6, 1 Pedro 1.5, Romanos 8.35 e João 17.6. Argumenta-se que, uma vez regenerado pelo Espírito Santo, o crente torna-se filho de Deus e, portanto, possui a natureza divina. Como filho de Deus, está sujeito à correção, mas não à perda da salvação.

Arminianismo

Os arminianos defendem que, a natureza pecaminosa, herdada de Adão, permanece presente, resultando em um conflito interno entre a nova natureza santa e a velha natureza pecaminosa. Esse embate é descrito em passagens como Efésios 4.22-24, Romanos 7.15-24 e Gálatas 5.16-17. Logo, aproximar-se de Deus através da oração e da leitura da Palavra fortalece a natureza santa, enquanto o descuido espiritual pode dar espaço à natureza pecaminosa, logo, segundo eles, o crente que não fortalece a natureza santa, pode se afastar da graça e corre o risco de apostasia (Hebreus 2.1-3, 6.4-6, 10.26-30, 1 Pedro 1.10 e 1 Coríntios 10.12).

Existe salvação após a morte?

A compreensão da salvação após a morte é um aspecto crucial na crença cristã, e a Bíblia oferece orientações claras sobre este tema. De acordo com Hebreus 9.27, a vida após a morte é seguida pelo juízo, indicando que as decisões tomadas durante a vida são fundamentais para o destino eterno de cada pessoa. A ideia de que Deus, em Seu amor, pode oferecer uma chance de salvação após a morte não encontra respaldo nas Escrituras. Deus é amor, mas Ele é também justo, conforme revelado em Salmos 85.10, e essa justiça foi plenamente manifestada em Cristo Jesus (2 Coríntios 5.19).

O destino eterno do ser humano é determinado por suas escolhas e relação com Deus e Sua Palavra durante a vida terrena, como indicado em Apocalipse 20.15. Viver uma vida desregrada e imoral, cedendo a todos os desejos carnis com a expectativa de uma oportunidade de redenção após a morte, é uma compreensão equivocada e sem fundamento bíblico. Tal conceito pode parecer atraente, mas contradiz a natureza de Deus, que é santidade e justiça.

A ideia de impunidade para pessoas corruptas e criminosas nesta vida já nos causa desconforto, e isso reflete a natureza justa de Deus, que não pode tolerar o pecado (Gênesis 18.25). Portanto, a doutrina da possibilidade de salvação após a morte não é apoiada pela Bíblia. A mensagem cristã

ênfatiza a importância da decisão pela salvação enquanto se está vivo, pois após a morte, segue-se o juízo divino.

Qual a condição dos que morreram?

1. Estado Pós-Morte dos Adultos



Destino Eterno

Muitos cristãos questionam sobre o destino eterno de adultos que faleceram sem ter conhecido a mensagem do Evangelho. Algumas correntes teológicas propõem que Deus, em Sua onisciência, sabe quem teria aceitado a salvação se tivesse tido a oportunidade. É importante lembrar que a salvação não é alcançada por meio de religiosidade ou boas obras, mas sim através da morte vicária de Cristo. Paulo, na sua epístola aos Romanos (2.12-16), sugere que Deus julgará os indivíduos de acordo com a luz que receberam, ou seja, com base no conhecimento que tiveram de Deus e de Sua vontade. Aqueles que estão preocupados com o destino eterno de seus entes queridos podem encontrar consolo na justiça divina, confiando que Deus fará o que é certo (Gênesis 18.25).

Destino Eterno

Fonte: Freepik (2024)

#paratodosverem: homem na ponta de um cume rodeado de nuvens brancas que estão abaixo do cume. Em sua frente o sol brilha fosco.

2. Estado Pós-Morte das Crianças

A doutrina do Limbo, como ensinada pela Igreja Católica Romana, sugere que as crianças que morrem sem batismo não vão nem para o céu, nem para o inferno, mas para um estado intermediário de existência. No entanto, essa doutrina não é sustentada pelas Escrituras Sagradas. Na visão cristã, as Escrituras são a regra definitiva de fé e prática. Enquanto todas as pessoas nascem com uma natureza pecaminosa, Jesus Cristo,

através de Sua morte na cruz, provê salvação para todos, incluindo crianças. Ele derrotou o pecado e Satanás (Gênesis 3.15; Apocalipse 12.9; 20.2) e afirmou que o reino de Deus pertence às crianças (Marcos 10.14). Portanto, muitos cristãos acreditam que as crianças são acolhidas no reino de Deus por causa da graça e misericórdia de Cristo.

Conclusão

Nas questões teológicas, não existe uma conclusão definitiva que possa ser alcançada por qualquer teólogo, pois a Bíblia oferece uma riqueza de doutrinas e ensinamentos que continuam a ser explorados e compreendidos. No entanto, é possível utilizar esses ensinamentos como uma ferramenta para compartilhar as boas-novas do Evangelho.

A abordagem interdenominacional, como adotada pela ITADSA, busca manter uma perspectiva imparcial, permitindo que a Bíblia seja a autoridade central na definição da fé. Esta abordagem reconhece a importância de diversas interpretações teológicas, sem se restringir a uma única tradição ou denominação.

Para os estudantes de teologia, é vital adotar uma postura de pesquisa contínua. É recomendável que busquem orientação e aprofundamento com mestres e pastores experientes de suas próprias comunidades ou instituições de ensino. A reciclagem e atualização do conhecimento adquirido são essenciais para um entendimento mais profundo das Escrituras e para a capacidade de defender de maneira informada e fundamentada as crenças pessoais.

A jornada do estudo teológico é um processo contínuo de aprendizado, reflexão e aplicação, sempre centrado na verdade revelada nas Escrituras e aberto à diversidade de interpretações dentro do corpo de Cristo.

Material Complementar

Livro

PIPER, JOHN. Finalmente vivos. O que acontece quando nascemos de novo? São José dos Campos, SP. Editora Fiel. 2011.

<https://www.editorafiel.com.br/finalmente-vivos-john-piper>

Neste livro, o pastor John Piper ensina de maneira clara sobre a doutrina do novo nascimento e seus desdobramentos na vida do cristão. Piper não somente trabalha estas áreas, como também no ensina sobre como podemos ajudar os outros a nascer de novo.

Vídeo

A Visão Protestante da Justificação - Lutero e a Reforma, por R.C. Sproul

<https://www.youtube.com/watch?v=9ZfpMJ84hMA&t=9s>

Neste vídeo o Teólogo Sproul ensina a respeito da visão protestante da Justificação pela fé. Isso se deve ao fato de que os católicos também se dizem justificados pela fé, mas de maneira diferente.

Sproul passa por diferentes reformulações do século 16 (período da Reforma), explicando a respeito desta doutrina importantíssima para o cristianismo.

Artigo

O PERFECCIONISMO COMO UM OBSTÁCULO À SANTIDADE CRISTÃ – POR Valdeci da Silva Santos

https://cpaj.mackenzie.br/fileadmin/user_upload/6-O-perfeccionismo-como-um-obst%C3%A1culo-%C3%A0-santidade-crist%C3%A3-Valdeci-da-Silva-Santos.pdf

Muitos tendem a confundir perfeccionismo com santidade. Por isso, neste artigo Valdeci Santos, irá traçar a investigar o perfeccionismo e seus princípios como empecilhos à busca da verdadeira santidade. Este artigo é útil aos estudantes de teologias, especialmente àqueles que se afadigam no ensino da Palavra.

Referências

HODGE, Charles. *Teologia sistemática*. São Paulo: Editora Hagnos, 2001.

HORTON, Stanley M. *Teologia sistemática*. Rio de Janeiro: CPAD, 2ª ed., 1997.

STRONG, August Hopkins. *Teologia sistemática*. São Paulo: Editora Hagnos, 2003.

STRONG, James. *Léxico Hebraico, Aramaico e Grego de Strong*. São Paulo, SP. Sociedade Bíblica do Brasil, 2002.

GRUDEM, Wayne. *Teologia sistemática*. São Paulo: Edições Vida Nova, 1999.

COENEN, Lothar & BROWN, Colin. *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Edições Vida Nova, 2000.

THAYER, Joseph H. *Thayer's Greek – English Lexicon of the New Testament*. Grand Rapids, Michigan: Baker Book House, 1984.

BERKHOF, Louis. *Teologia Sistemática*. Trad. Odary Olivetti. Campinas: Luz para o Caminho, 1990.

CALVINO, João. *As Institutas: ou tratado da religião cristã*. Trad. Waldyr Carvalho Luz. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana.

SPROUL, R.C. *Eleitos de Deus*. Trad. Gilberto Carvalho Cury. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 1998.

BANCROFT, E.H. *Teologia Elementar*. São Paulo: Imprensa Batista Regular, 1966.

SPROUL, R C. *Verdades essenciais da fé cristã – 2º caderno*. São Paulo, SP. Editora Cultura Cristã, 2012.

